

## A Educação Escolar na Comunidade Quilombola Brejão dos Aipins Piauí

Ronnyel Nunes da Fonseca<sup>i</sup> 

Universidade Estadual do Piauí-UESPI, Bom Jesus, PI, Brasil

Edilene Batista Gomes<sup>ii</sup> 

Universidade Federal do Tocantins-UFT, Palmas, TO, Brasil

### Resumo

O presente artigo visa reconstruir o percurso histórico da educação escolar, na Comunidade Remanescente de Quilombo-CRQ Brejão dos Aipins, até a construção da Escola Rural Filomena Nunes. Comunidade essa, que está localizada em Redenção do Gurgueia, no estado do Piauí. Como problematização questionamos: Como e quando chegou a escola na comunidade? A metodologia utilizada foi uma abordagem bibliográfica, tendo como fonte primária os estudos de Vogado (2014) e Nunes (2018). A investigação justifica-se pela possibilidade de conhecer diferentes aspectos da materialidade histórica, bem como revelar fatos, recorrendo a memória dos indivíduos partícipes do período que antecede a construção da Escola Rural Filomena Nunes na comunidade. Refazer esse percurso permitiu externar aos mais jovens a trajetória marcante da educação formal, até a construção da primeira escola na comunidade Brejão dos Aipins, Piauí.

**Palavras-chave:** Educação escolar. História. Quilombo.

### School Education in the Brejão dos Aipins Piauí Quilombola Community

### Abstract

This article aims to reconstruct the historical course of school education, in the Remaining Community of Quilombo-CRQ Brejão dos Aipins, until the construction of the Filomena Nunes Rural School. This community is located in Redenção do Gurgueia, in the state of Piauí. As a problematization, we ask: How and when did the school reach the community? The methodology used was a bibliographical approach, having as primary source the studies by Vogado (2014) and Nunes (2018). The investigation is justified by the possibility of knowing different aspects of historical materiality, as well as revealing facts, using the memory of the individuals participating in the period prior to the construction of the Filomena Nunes Rural School in the community. Retracing this path allowed the younger people to be exposed to the remarkable trajectory of formal education, up to the construction of the first school in the Brejão dos Aipins community, Piauí.

**Keywords:** School education. History. Quilombo.

## 1 Introdução

Neste trabalho apresentamos o resultado de uma pesquisa bibliográfica sobre a história e memória da educação escolar na Comunidade Remanescente de quilombo-CRQ Brejão dos Aipins-PI, tendo como recorte temporal o início da formação da comunidade (1800), até a construção da Escola Rural Filomena Nunes (1971). Brejão dos Aipins é uma das 83 Comunidades Remanescentes de Quilombo-CRQ registradas pela Fundação Cultural Palmares-FCP no Piauí e está localizada no Sul do estado, mais precisamente na cidade de Redenção do Gurguéia, na zona rural desse município, a aproximadamente 20 km do centro da cidade. A origem e povoamento dessa comunidade é datada segundo Nunes (2018), entre o fim do século XVIII e início do século XIX, possivelmente entre os anos de 1800 e 1805. A problematização da pesquisa consiste em responder como e quando chegou a educação escolar e a escola propriamente dita, na comunidade. Porém, antes de adentrar ao cerne do estudo faremos uma breve contextualização do tema.

No estado do Piauí o processo de ocupação do território local tem início por volta do século XVII, com isso também conforme afirma Lima e Santos (2012) se inicia o processo de utilização de escravos negros como força de trabalho, seguindo assim o modelo das demais regiões colonizadas. “O processo de formação do território piauiense deu-se pela presença e contribuição de escravizados que serviam de mão de obra nas fazendas pastoris” (BRANDÃO, 1999, p. 162 apud LIMA; SANTOS, 2012, p. 1).

“O desbravamento, realizado no século XVII, fez-se com colonos vindos de outras regiões, como Bahia, Pernambuco e Maranhão. Essas pessoas traziam com elas não somente o gado, mas também os primeiros escravos” (NUNES, 2018, p. 74). Sendo assim, simultaneamente a ocupação do estado do Piauí, ocorre também o início da cultura escravista, que segundo Nunes (2018) passa a tomar forma no território colonial piauiense. “Desta forma, o Piauí seguiria o modelo colonizador brasileiro utilizando o emprego do trabalho escravizado como força produtiva. Assim como nas demais regiões do Brasil, no Piauí ocorreram diversas fugas de cativos

das fazendas pastoris” (LIMA; SANTOS, 2012, p. 1). Por intermédio dessas fugas, se daria início a formação de quilombos no estado.

“Nesse sentido, a resistência negra, manifestou-se em diferentes formas. Uma delas, e provavelmente a mais comum, foi à fuga de escravizados para as florestas e sertão afora. São a partir dessas fugas que, em geral, surgiram os denominados *quilombos*” (LIMA; SANTOS, 2013, p. 2). E conseqüentemente, esse movimento daria origem ao quilombo que está em voga no momento, isto é, Brejão dos Aipins, Piauí. Comunidade onde está inserido o nosso objeto de estudo, a saber: a instituição educativa Escola Rural Filomena Nunes.

3

## 2 Metodologia

A pesquisa foi baseada em uma abordagem bibliográfica. Também foi feita uma revisão de literatura, para dialogar com autores que tratam da temática história e memória, educação, educação quilombola e instituições educativas. Baseada em referenciais como: Brandão (1995), Le Goff (1996), Magalhães (2004), Nunes (2018), Serafim (2020), bem como outros autores correlatos. A Análise e discussão dos resultados buscou entender e externar como e quando, chegou a educação escolar na Comunidade Remanescente de Quilombo Brejão dos Aipins, Piauí. Como fontes de pesquisa, o estudo se baseou nos trabalhos precedentes de Vogado (2014) e Nunes (2018), que trazem elementos pertinentes e necessários para discussão da temática proposta.

## 3 História da Comunidade

Os primeiros moradores a chegar foram, Egídio Nunes de Vasconcelos com sua esposa, Simiana Maia de Vasconcelos e Seu irmão Teodoro Nunes de Vasconcelos. “As pessoas mais velhas de Brejão dos Aipins, como o seu Antônio Calisto, 87 anos (in-memorian) contam que se tratava de escravos fugitivos de uma fazenda ao norte do estado da Bahia” (NUNES, 2018, p. 87). Mais tarde esses pioneiros buscariam outros parentes próximos, daria os primeiros passos para a

formação da comunidade como um quilombo, que se estabeleceu ao longo dos anos e existe até hoje, o que lhe caracteriza como Comunidade Remanescente de Quilombo-CRQ.

Ao local recentemente povoado e que depois foi recebendo pessoas de vários estados, deram o nome de suçuapara. Segundo Nunes (2018, p. 88) “o nome suçuapara tem origem no mito local da onça *suçuarana*. Dizem os moradores mais velhos que esse bicho aparecia com frequência no local onde hoje é o centro da comunidade”. Esse nome foi modificando com o passar dos anos até chegar ao nome atual. Sobre isso, Vogado (2014, p. 17) corrobora dizendo “[...] durante outra época, foi conhecida como “Brejão dos Negros” (isso por conta dos moradores afrodescendentes), até receber o nome de Brejão dos Aipins em homenagem a um extenso brejo, que era conhecido pela grande produção de aipim e servia para subsistência local”

Outro fato marcante que traça a história de povoamento dessa comunidade é a chegada dos coronéis João Francisco da Rocha e José Martins da Rocha. Ambos vinham da vila de Jerumenha, mandados pelo governador que tinha como objetivo proteger as terras piauienses de invasões de colonos vindos principalmente de São Paulo e da Bahia. Na ocasião os irmãos se dividiram. “José Martins da Rocha ficou na fazenda Miramar que mais tarde acabou se tornando Vila de Bom Jesus e atualmente é o Município de Bom Jesus. E o coronel João Francisco da Rocha permaneceu na fazenda Almesca (próxima ao quilombo de Brejão dos Aipins)” (VOGADO, 2014, p. 17). Com a chegada do coronel e fixação nas terras próximas a Brejão dos Aipins, ele logo se preocupou em expandir as posses para criação do gado. Com isso surgiram três grandes fazendas nas proximidades. São elas: Almesca, São Gregório e Buriti Grande. Alguns autores como Nunes (2018) e Vogado (2014) dão conta que houve uma taxa de ocupação de cerca de 50% do território do quilombo. A fala de uma moradora da comunidade registrada por Nunes nos indica o que essa ocupação de terras representou para eles:

[...] Meus pais dizia que aquilo tudo pertencia a nosso povo, ainda plantei roça com minha mãe lá por aquelas banda do São Grigório [...] Depois, chegou o tal de coroné João Francisco, na época, num sabe? E essas

terras tudo encheu de gado, os nêgos morava aqui, mas num era dono, naquela época num tinha direito, né? Depois aqueles que num ganhava terra foi trabaiair nas terras dos outros em troca de comida. Dona Diamantina, 88 anos: informação verbal, 2012 (NUNES, 2018, p. 92)

5

A tomada de terras citadas por Nunes (2018) e ratificada por dona Diamantina (2012), explica a causa e a finalidade de alguns moradores de Brejão dos Aipins trabalharem como agregados nessas fazendas de João Francisco da Rocha. “O Primeiro agregado do coronel foi o senhor José Ribeiro Maia, bisneto de Egídio Nunes de Vasconcelos e Simiana Maia de Vasconcelos<sup>1</sup>. Ele trabalhou como vaqueiro por 15 anos na fazenda São Gregório” (NUNES, 2018, p. 93).

Outro fato que diminuiu ainda mais o alcance das terras pertencentes a comunidade, foi a Lei de Terras nº 601 de 1850<sup>2</sup>. “Essa Lei previa o cadastramento e a regularização de terras ocupadas em todo território nacional, reconhecendo no pós-abolição o direito à aquisição de terras aos afrodescendentes, ainda que não fosse o da compra” (NUNES, 2018, p. 98). Porém quando essa Lei chega de fato na região por volta de 1947, os moradores de Brejão dos Aipins não foram contemplados, pior que isso, foram ludibriados. “Como não dispunham do conhecimento da lei, não sabiam ler nem escrever, parte dos moradores perdeu suas terras” (NUNES, 2018, p. 98). Esse movimento de demarcação de terras resultou na criação da “região da Raposa [...] envolvendo todo povoado onde atualmente é o município de Redenção do Gurgueia” (NUNES, 2018, p. 98). Esse município segundo Vogado (2014) contempla 22 povoados, Brejão dos Aipins é um deles, o mais antigo e que existe antes mesmo da criação do perímetro urbano do qual faz parte hoje.

### 3.1 A Escola no Quilombo - Primeiros Passos Para Educação Formal

“Quando falamos em educação e sua importância para um povo ou uma nação, logo nos vem à mente a educação escolar, com seus professores e métodos

---

<sup>1</sup> Primeiros moradores da comunidade de Brejão dos Aipins, Piauí.

<sup>2</sup> Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850. Dispõe sobre as terras devolutas no Império, e acerca das que são possuídas por título de sesmaria sem preenchimento das condições legais.

de ensinar e aprender, centralizada pelo sistema educacional” (SOUSA; CARVALHO, 2012, p.15). Contudo, existe educação para além das instituições educativas e das salas de aula propriamente ditas. Como cita o texto do 1º artigo da LDB, a educação também se desenvolve em outros seguimentos da sociedade que não estão prioritariamente restritos ao chão da escola. Seja na convivência humana, no trabalho, nas instituições que formam a sociedade local, enfim, ela está presente em vários lugares e podemos interagir por diversas formas e através de diferentes possibilidades. Corroborando com essa ideia de educação, Brandão nos diz: “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: [...] todos os dias misturamos a vida com educação” (BRANDÃO, 1995, p. 7).

Em Brejão dos Aipins, até por volta de 1959 predominava a educação informal. O processo de ensino e aprendizagem na comunidade, se pautava na transmissão dos costumes dos mais velhos para as crianças. Nunes (2018, p. 122) ressalta que “Esse sistema de transmissão cultural era desempenhado principalmente pela família e funcionava sem formalidades pedagógicas e curriculares, entretanto aproveitadas como recurso educativo, sendo também base de reprodução da história e da cultura local”. Essa forma de aprender e ensinar perdurou por cerca de 100 anos sem que houvesse outro modelo ou movimentos para introdução da educação formal na comunidade, isto é, a educação informal funcionava até então, de forma isolada e absoluta.

Por volta de 1960 começou a surgir os primeiros movimentos de escolarização para as crianças que ali moravam. “A partir da mobilização de algumas famílias, foram introduzidos os primeiros sinais de educação escolar nessa comunidade. Foi contratada uma pessoa que dominava um pouco a escrita, a leitura e que sabia contar para ensinar às crianças” (NUNES, 2018, p. 123). Dessa mobilização surgiu uma sala de aula, que abrigava cerca de 20 alunos e funcionava na casa senhor Antônio Calisto<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Pai do Professor particular da época

Dessa “primeira escola” só participava quem podia pagar com alguma coisa<sup>4</sup>, deste modo percebemos o viés seletivo e excludente da educação “formal” da época. Essa primeira iniciativa de educação formal que nós chamamos de “primeira escola” durou apenas 2 anos, finalizou com a mudança de local e de professor e transformando-se no que chamamos de “segunda escola”. Segundo Nunes (2018, p. 123) “Essa sala de aula, que antes ficava na casa do seu Antônio Calisto, passou a funcionar na casa da senhora Eliza Nunes Catuaba, uma segunda professora que fez parte da terceira geração de moradores da comunidade”. O fato de saber ler e escrever lhe conduziu a ser professora do que nesse estudo chamamos de “segunda escola”.

Desta segunda iniciativa de educação formal na comunidade de Brejão dos Aipins, resta na memória dos alunos, apenas a forma dura como eram utilizados os métodos de ensino. Esse processo se baseava no método tradicional, tendo o(a) professor(a) como figura central e único(a) detentor(a) do conhecimento. Sendo assim os demais tinham que aprender tudo que ele(a) tinha a ensinar, de sua forma, através de seu método, quem não aprendesse ou não se enquadrasse no padrão mínimo de disciplina exigido, era submetido a castigos físicos, sendo o principal instrumento para esses castigos à palmatória. Sobre essa prática, Aragão e Freitas (2012, p. 2) dizem que “Os castigos físicos tinham dois fins: punir o mau comportamento e a dificuldade de aprendizagem. Férulas, chicotes e palmatórias faziam parte dos objetos utilizados pelo professor para educar os alunos, mantendo a ordem e a disciplina”.

Em 1954 se apresenta outra dinâmica em relação a educação, conforme afirma Nunes (2018, p. 125):

Veio para Brejão dos Aipins um professor, cujo nome os moradores não se lembram, da cidade de Bom Jesus, município ao qual a comunidade pertencia nesse período. Segundo eles, tinha uma vocação e um conhecimento bem mais elevado do que os outros da comunidade, e isso oportunizou novas aprendizagens para os alunos.

---

<sup>4</sup> Geralmente usava-se como pagamento alimentos como: arroz, feijão, milho, farinha, etc.

Nunes (2018) ainda nos diz que os vencimentos desse profissional eram pagos pelo Órgão Municipal de Educação, o que equivale hoje a Secretaria Municipal de Educação. A essa dinâmica anteriormente citada damos o nome de “terceira escola”. Em relação a mesma, vale ressaltar que aulas aconteciam ainda na casa da senhora Eliza.

Passado esse momento, em 1967 surge no Brasil o MOBRAL<sup>5</sup> sendo implantado na comunidade no ano seguinte em 1968. A esse movimento que também faz parte da história e memória dos alunos de Brejão dos Aipins, chamamos de “quarta escola”. Por intermédio dessa ação se oportunizou os jovens e adultos também terem acesso à educação formal, contudo, para tristeza de muitos e decepção da comunidade, a iniciativa durou apenas um ano, sendo encerrada mediante a afirmação de falta de recursos financeiros para continuação das aulas. Afirmação essa feita pela Prefeitura Municipal de Redenção do Gurguéia, que gerenciava o movimento.

Por fim chegamos a 1971, esse ano marcaria a história da comunidade com uma das conquistas mais importantes desde sua fundação. Trata-se da construção de uma escola dentro da comunidade. “Naquele ano foi construído um prédio próprio com duas salas de aula e um pátio. Essa escola recebeu o nome de “Filomena Nunes”, em homenagem a uma líder comunitária e doadora do terreno onde fora construída a escola” (NUNES, 2018, p. 125). A esse momento, que se configura o ápice de toda história de luta e esforço coletivo para implantação da educação formal em Brejão dos Aipins, poderia chamar de “quinta escola” para seguir a coerência histórica e cronológica dos fatos. Porém, por se tratar da única escola, de fato e de direito, bem como, pela aquisição do prédio próprio para realização de suas atividades, chamo a Escola Rural Filomena Nunes de: “Primeira Instituição Escolar” da Comunidade de Brejão dos Aipins, Piauí.

#### 4. Considerações Finais

---

<sup>5</sup> O Movimento Brasileiro de Alfabetização-MOBRAL, foi um órgão do governo brasileiro, instituído pelo decreto nº 62.455, de 22 de Março de 1968, conforme autorizado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967 durante o governo de Costa e Silva na Ditadura Militar



9

A história de luta e resistência dos quilombolas, por acesso à terra, reconhecimento, Educação, saúde, políticas assistenciais, valorização social, combate ao preconceito e racismo..., não se esgotam nos documentos já produzidos até o momento. Pelo contrário, ainda há uma vasta gama de informações, sobretudo, históricas que estão encobertas em memórias vivas, porém imaterializadas pela ausência de estímulos para tomar forma material, tornando-as assim patrimônio histórico local.

A investigação foi alimentada pela possibilidade de conhecer diferentes aspectos da materialidade histórica, bem como revelar fatos, recorrendo a memória dos indivíduos partícipes do período que antecedeu a construção da Escola Rural Filomena Nunes na comunidade. Pois para Bernardini e Atique (2019, p. 1) “a materialidade, em si, não é nada mais do que a representação, para cada um, do significado subjacente às experiências de vida”. Logo recorrer a essas experiências mediante a história oral, significou reconstruir, não apenas o percurso trilhado pela implantação da educação formal mediante a construção de uma instituição educativa, mas também revisitar, o processo de formação da própria comunidade enquanto organização social e como tal, agente de direitos, sobretudo, a educação.

Refazer esse percurso permitiu externar aos mais jovens a trajetória marcante e formativa de personagens importantes da história local, assim como destacar a contribuição social para a comunidade de Brejão dos Aipins, Piauí. Percurso esse histórico, que é parte integrante das grandes conquistas locais, na qual transformou e continua a transformar vidas de crianças, jovens e adultos quilombolas, que antes precisavam sair da comunidade para estudar, o que muitas vezes impossibilitava o acesso à educação formal. Por fim, “A opção pelo tema história, memória [...] tem relação com o novo movimento escolar que procura incorporar a diferença social e cultural como formas de transmissão de saberes” SERAFIM (2020, p. 24). Logo “A experiência histórica [...], torna o passado mais concreto, sendo, por isso, atraente na divulgação do conhecimento. [...] A história oral tem, pois, um elevado potencial e ensinamentos do passado, porque fascina com a experiência do outro” (ALBERTI, 2004, p. 22).

## Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ARAGAO, M.; FREITAS, A. G. B.. Práticas de castigos escolares: enlaces históricos entre normas e cotidiano. Conjectura: **Filosofia e Educação (UCS)**, v. 17, p. 17-36, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/1648/1024>. Acesso em: 13 jun. 2021.

BERNARDINI, S. P.; ATIQUE, F. A imaginação da materialidade e a materialidade da imaginação: a memória que percorre as cidades. Resgate: **Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, v. 27, n. 1, p. 7–10, 2019. DOI: 10.20396/resgate.v27i1.8655694. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8655694>. Acesso em: 9 jun. 2021.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 33 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

NUNES, Ranchimit, Batista. **Quilombo de Brejão dos Aipins**: Escolarização, organização e o empoderamento de mulheres afrodescendentes no campo. -1º ed. Curitiba: Appris, 2018.

SANTOS, D. M.; LIMA, S. O. Movimento Quilombola do Piauí: participação e organização para além da terra. Informe Econômico (UFPI). **Revista Espacialidades [online]**, v. 30, p. 35-41, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17606/11477>. Acesso em: 19 jun. 2021.

SERAFIM, Olindina Cirilo Nascimento. **O caminho do quilombo**: histórias não contadas na educação escolar quilombola: Território Sapê do Norte-ES. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2020.

SOUSA, Celia C. de; CARVALHO, L. V. **Cadeirão**: saberes e práticas educativas. 1. ed. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará - UFC, 2012.

VOGADO, Lara Jordana Paraguai. **Mulheres quilombolas**: No rastro da interface saúde, raça e cultura. 2014. 66 f., il. Monografia (bacharelado em Saúde Coletiva) - Universidade de Brasília, Ceilândia-DF, 2014.

---

<sup>i</sup> Ronnyel Nunes da Fonseca, <https://orcid.org/0000-0003-2185-1413>  
Secretaria de Educação de Bom Jesus-PI

---

Pedagogo, especialista em Docência, Gestão e Supervisão escolar, Professor efetivo da Prefeitura Municipal de Bom Jesus-PI e membro do grupo de estudo biografia de educadores (GEBE).  
Contribuição de autoria: realizou a escrita do texto, metodologia, revisão de literatura e análise dos dados.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8041191987596242>

E-mail: [ronnyel.nunes@gmail.com](mailto:ronnyel.nunes@gmail.com)

ii **Edilene Batista Gomes**, <https://orcid.org/0000-0002-6643-128X>

Universidade Federal do Tocantins- UFT

Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica, Gestão e Supervisão Escolar com Habilitação em Docência do Ensino Superior e pedagoga.

Contribuição de autoria: realizou a escrita do texto e discussão dos resultados

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7780019733809901>

E-mail: [edilenegomesb@hotmail.com](mailto:edilenegomesb@hotmail.com)

11

**Editora responsável:** Karla Colares Vasconcelos

**Como citar este artigo (ABNT):**

FONSECA, Ronnyel Nunes da; GOMES, Edilene Batista. A Educação Escolar na Comunidade Quilombola Brejão dos Aipins Piauí. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-11, 2021.